

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

LUDOVYCO JOSÉ VIOL MORAS

**FÉ E RAZÃO OU FÉ VS RAZÃO? PERCEPÇÕES FILOSÓFICAS A PARTIR DE
ATIVIDADES MUDIÁTICAS**

JUIZ DE FORA
2018

LUDOVYCO JOSÉ VIOL MORAS

**FÉ E RAZÃO OU FÉ VS RAZÃO? PERCEPÇÕES FILOSÓFICAS A PARTIR DE
ATIVIDADES MIDIÁTICAS**

Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador(a): Prof^(a). Me. Clinger Cleir Silva Bernardes

JUIZ DE FORA
2018

LUDOVYCO JOSÉ VIOL MORAS

**FÉ E RAZÃO OU FÉ VS RAZÃO? PERCEPÇÕES FILOSÓFICAS A PARTIR DE
ATIVIDADES MUDIÁTICAS**

Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Me. Clinger Cleir Silva Bernardes

Prof(a). Dr. Jhonatan Alves Pereira Mata

FÉ E RAZÃO OU FÉ VS RAZÃO? PERCEPÇÕES FILOSÓFICAS A PARTIR DE ATIVIDADES MIDIÁTICAS

Ludovyco José Viol Moras*

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo expor o problema filosófico “Fé e Razão” a partir de uma perspectiva midiática. Para tanto, o trabalho está dividido em três partes. A primeira parte aborda os conceitos e as relações entre “fé e razão ou fé vs razão” nos pensamentos dos filósofos representantes da Escolástica e dos filósofos Nicolau de Cusa e Immanuel Kant. Esses pensadores apontam tanto para a integração entre a fé e a razão, como uma busca da verdade revelada, quanto propõem serem dois conceitos de naturezas distintas, sendo a razão do âmbito do conhecimento e a fé pertencendo ao domínio do não cognoscível. A segunda parte do trabalho traz um referencial teórico referente as mídias e a educação, demonstrando a importância do uso dos recursos hipermidiáticos na pesquisa realizada. A utilização do *Google Forms* e do registro fotográfico feito pelos alunos representou o uso de suportes midiáticos, apresentando um grande potencial de uso em sala de aula. A terceira e última parte do trabalho consta de uma pesquisa feita com alunos do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Barbacena, Minas Gerais. O conteúdo da pesquisa refere-se ao problema “fé e razão” e foi realizada a partir do preenchimento de um questionário no *Google Forms*. Os resultados do questionário estão dispostos no trabalho como um meio de analisar como os alunos entendem a relação entre fé e razão. Por fim, foi realizado também 4 entrevistas sobre o tema e a exposição dos registros fotográficos feitos pelos alunos a partir do problema proposto.

Palavras-chave: Filosofia. Mídias. *Google Forms*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho levanta um problema filosófico, antigo e ao mesmo tempo atual, acerca da complementaridade ou oposição entre a fé e a razão. Daí a questão: Fé e razão ou Fé vs razão? Para tentar responder a essa questão, o trabalho faz uma abordagem filosófica da relação ou da divisão entre fé e razão,

*Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), pós-graduando em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Currículo lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4837107U0>E-mail: ludovycoviol@yahoo.com.br

buscando amparo no pensamento de alguns filósofos. Num segundo momento, parte-se para uma abordagem da utilização das mídias na educação como um recurso didático dinâmico e interativo, apresentando os recursos utilizados nesta pesquisa: o *Google Forms* e o registro fotográfico. Por último, parte-se para um trabalho mais prático, em que o problema filosófico é levado até os alunos do Ensino Médio e de quatro profissionais entrevistados. Tendo posto isso, cabe ressaltar que o artigo tem um objetivo tanto de fundamentação teórica sobre o tema, bem como de pesquisa prática.

O título “Fé e Razão ou Fé vs Razão?” proposto nesse trabalho já traz em si um problema filosófico de grande envergadura. Entre os problemas filosóficos que surgiram na história da filosofia e dos debates entre filósofos, a problemática entre a fé e a razão perdurou na história do pensamento ocidental, sobretudo entre os filósofos representantes da Escolástica e dos filósofos que surgiram na Modernidade. A questão que movia os debates e a produção desses pensadores era se a razão estava a serviço da fé ou se a razão se opunha a crença, pertencendo a outros domínios, tal como a Ciência.

Os filósofos representantes da Escolástica, movimento filosófico-teológico da Idade Média, tendem a defender a posição de que a razão está a serviço da fé, haja vista que para crer eu preciso entender ou entender para crer, dependendo do filósofo. Nesse sentido, destacam-se três tipos de pensamento distintos, expressos nas máximas a seguir: *credo ut intelligam; intelligo ut credam; credo quia absurdum*” (ZILLES, 1993, p. 150). Entre os filósofos que pontuam que fé e razão são complementares estão: João Escoto Erígena, Pedro Abelardo, Tomás de Aquino e Nicolau de Cusa. Por outro lado, estão os filósofos que veem pouca relação ontológica entre a razão e a fé, a ponto de mencionarem que são antagônicas ou pouco se relacionam. Entre os filósofos dessa corrente destacam-se João Duns Escoto, Guilherme de Ockam e Immanuel Kant. Algo a ser destacado é que o problema entre fé e razão permeou boa parte da história da filosofia, mas pode ser considerado atemporal pela sua relevância e alcance. A problemática destacada atualmente se ramifica para as áreas de estudo das religiões e das ciências, sendo que há posições variadas sobre o assunto. As discussões que os filósofos mencionados trouxeram não encerra o problema, apenas introduz os conceitos e suas relações para fundamentar o debate atual.

No processo de ensino-aprendizagem o docente pode assumir diferentes posturas pedagógicas no momento de ensinar. Partindo desse pressuposto a utilização das mídias ou das hipermídias apresenta-se como um recurso diferenciado na educação escolar, por ser dinâmico, interativo e tecnológico. Sendo assim, o professor que faz uso das mídias, tais como as utilizadas nesse trabalho, se distancia de uma abordagem tradicional de ensino e se aproxima da realidade vivenciada pelos alunos, a de “nativos digitais” (PRENSKY, 2001). O *Google forms* e o registro das fotos pelos alunos demonstrou o poder de interação que as hipermídias proporcionam e como elas podem ser alternativas criativas para as aulas no Ensino Médio.

A última parte do trabalho foi desenvolvida junto aos alunos do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Barbacena, Minas Gerais. A intenção era levar essa problemática para o âmbito escolar, observando como os alunos vivem e pensam acerca da oposição ou integração entre fé e razão. O conteúdo da pesquisa foi realizado a partir do preenchimento por parte dos alunos de 12 perguntas propostas por um Formulário oferecido pelo Drive do *Gmail*. O Formulário intitulado “Fé e razão ou Fé vs Razão” foi enviado para o e-mail dos alunos. Como resultado foi perceptível que os alunos são mais adeptos da ideia de que fé e razão são antagônicas, ou seja, pertencem a duas esferas distintas. A maioria dos alunos se autodenominaram religiosos e participantes das suas comunidades religiosas. Por fim, alguns participantes foram convidados a registrarem fotos – em seus *smartphones* – que para eles tinham ligação com o problema discutido e com os conceitos fé e razão.

Como parte integradora do trabalho prático foi realizada entrevistas com quatro pessoas com opiniões, crenças e profissões diferentes. A intenção era captar como essas pessoas visualizam e pensam sobre o problema filosófico entre “fé e razão ou fé vs razão”, assim como respondem a essa questão nos seus modos de vida.

1) O que é Fé e Razão?

Fé e Razão foram dois conceitos interpretados historicamente de modo antagônico ou integrado, dependendo do período histórico e do pensamento

filosófico da época. O Dicionário Crítico de Teologia (LACOSTE, 2004, p. 718) aponta que a “ fé é uma atitude interior daquele que crê”. Assim, a fé pode ser vista como o resultado da prática do crente. Etimologicamente, “as palavras da Bíblia que traduzimos por “fé” ou “fidelidade” (‘*emunah*, ‘*emèt*) e por crer (*he´ èmîn*) provêm em hebraico da mesma raiz (‘*mn*); assim como em grego *pistis* (fé) e *pisteuein* (crer). A ideia de base, em hebraico, é a de firmeza; em grego., a de persuasão” (*idem*). No que tange a definição, o dicionário Houaiss (2011) aponta que a Fé é “crença religiosa (ceticismo), confiança absoluta (em alguém ou em algo); crédito (descrédito); comprovação, testemunho”. (p. 430).

Num contexto filosófico, a fé é “crença religiosa, como confiança na palavra revelada. Enquanto a crença, em geral, é o compromisso com uma noção qualquer, a Fé é o compromisso com uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade” (ABBAGNANO, 2007, p. 431). O filósofo Voltaire destaca que a “ fé consiste em acreditarmos, não naquilo que nos parece verdadeiro, mas naquilo que se apresenta como errado e falso ao nosso entendimento” (1978, p. 184). Ainda, “ em nossa língua, ‘crer’ diz-se tanto de uma opinião incerta, como de uma adesão firme, fundada numa relação interpessoal” (LACOSTE, 2004, p. 718-719)

Por outro lado, razão é definida como “ faculdade pela qual o homem conhece, julga e se conduz” (LACOSTE, 2004, p. 1489). Além disso, a razão tem relação imediata com o “raciocínio; capacidade de avaliar corretamente; juízo” (2011, p. 793). O Dicionário de Filosofia salienta que a Razão é o “referencial de orientação do homem em todos os campos em que seja possível a indagação ou a investigação. Nesse sentido, dizemos que a Razão é uma “faculdade” própria do homem, que o distingue dos animais” (ABBAGNANO, 2007, p. 824). Por último, Abbagnano (2007) destaca que:

A Razão é a força que liberta dos preconceitos, do mito, das opiniões enraizadas mas falsas e das aparências, permitindo estabelecer um critério universal ou comum para a conduta do homem em todos os campos. Por outro lado, como orientador tipicamente humano, a Razão é a força que possibilita a libertação dos apetites que o homem tem em comum com os animais, submetendo-os a controle e mantendo-os na justa medida. Esta é a dupla função atribuída a Razão desde os primórdios da filosofia ocidental (p.825).

No entendimento do que vem a ser fé e razão elas assumem definições distintas e ocupam funções antagônicas na vida humana. A seguir passamos a abordar o problema “ fé e razão ou fé vs razão” no pensamento dos filósofos escolásticos, de Nicolau de Cusa e de Immanuel Kant.

1.1) Concepções filosóficas sobre a Fé e Razão

Na história da filosofia e do pensamento humano o problema sobre a fé e a razão foi um dos motores que impulsionaram o debate filosófico. O problema entre fé e razão se encaixa nos estudos de Filosofia da Religião. Os filósofos mencionados abaixo, sobretudo os escolásticos e Nicolau de Cusa, ocupam uma linha tênue entre Filosofia e Teologia, sendo importante esclarecer que ambos os conceitos têm estudos específicos em cada área.

Muitos estudiosos confundem Teologia com Filosofia da Religião, sendo que há diferenças importantes. Lacoste (2004) esclarece que:

Desde suas origens, a filosofia se interessou pela religião e por seus conteúdos – mas foi somente a partir do século XVII e XVIII que se constituiu, na Europa, uma filosofia da religião. Até então, a filosofia era, ela mesma, em sua abordagem da religião, uma teologia, isto é, uma teoria de Deus (dos deuses, do divino), seja no modo de recusa, da crítica ou da afirmação (p. 1509).

Outro ponto a ser destacado é que cristianismo e filosofia possuem objetivos e razões de ser distintas. “O cristianismo e a filosofia aparecem, pois, em dois planos distintos, sendo o primeiro uma religião, uma doutrina de salvação, apoiada na autoridade de Deus e a segunda, produto da razão, com todas as imperfeições inerentes à própria natureza humana” (ZILLES, 1993, p.36).

O período da história da filosofia em que o problema filosófico proposto (Fé e Razão ou Fé vs Razão?) foi debatido com maior intensidade e por um número razoável de filósofos foi o período medieval, historicamente o mais longo de toda a história filosófica, compreendendo aproximadamente mil anos. As raízes do problema “ fé e razão” remonta inicialmente a Idade Média, período marcado pelas reflexões na questão teológica da relação do homem com Deus. Cabe ressaltar que o pensamento medieval ficou fortemente conhecido pela crítica direcionada dos

filósofos modernos. Nessa perspectiva, “ a denominação “Idade Média” foi usada pelos renascentistas que, desta forma pretendiam ignorar grandes realizações culturais que houve, indiscutivelmente, nessa época” (ZILLES, 1993, p. 14).

O pensamento medieval pode ser dividido em dois movimentos: Patrística e Escolástica. A Patrística foi a “filosofia cristã dos primeiros séculos. Consiste na elaboração doutrinal das crenças religiosas do cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra as heresias” (ABBAGNANO, 2007, p. 746). O pensamento do período patrístico é de cunho mais doutrinário e catequético, tendo sido desenvolvido pelos padres da Igreja e aqui nos interessa menos. “ Desde a Patrística, a relação entre fé e razão foi pensada em três formulações: *credo ut intelligam; intelligo ut credam; credo quia absurdum*” (ZILLES, 1993, p. 150). Por outro lado, a Escolástica também fez parte da filosofia cristã da Idade Média. Escolástica vem de “*scholasticus*”, “professor de artes liberais e, depois, o docente de filosofia ou teologia que lecionava primeiramente na escola do convento ou da catedral, depois na Universidade” (2007, p. 344). Nesse contexto, Escolástica significa filosofia da escola

A Escolástica foi representada por diversos pensadores e o problema fundamental era levar o homem a compreender a verdade revelada, por meio do exercício racional. Nesse contexto, surgiu o problema entre a fé e a razão: se eram complementares ou opostas. Para melhor compreendermos esse problema é necessário esclarecer que a Escolástica pode ser distinguida em três grandes períodos:

A Alta Escolástica, que vai do séc. IX ao fim do séc. XII, caracterizada pela confiança na harmonia intrínseca e substancial entre fé e razão e na coincidência de seus resultados; o Florescimento da Escolástica, que vai de 1200 aos primeiros anos do séc. XIV, época dos grandes sistemas, em que a harmonia entre fé e razão é considerada parcial, apesar de não se considerar possível a oposição entre ambas; Dissolução da Escolástica, que vai dos primeiros decênios do séc. XIV até o Renascimento, período em que o tema básico é a oposição entre fé e razão (ABBAGNANO, 2007, p. 344 - *grifo meu*)

Um dos primeiros pensadores a tratar sobre o problema “fé e razão” foi João Escoto Erígena (810-877). A preocupação de Erígena era harmonizar filosofia e religião, porém para ele a fé possuía o primado. Para o pensador escolástico a “ fé precede o conhecimento, assim este deve seguir a fé, pois a razão tem a tarefa de

descobrir o sentido profundo que se oculta nas palavras da Escritura, aceitas pela fé” (1993, p. 80). O filósofo em questão estava convencido de que a fé podia ser provada pela razão, a ponto de defender que os dogmas da religião podiam ser construídos sob bases racionais. Na Escolástica ele é considerado um racionalista.

Erígena trabalha com um conceito específico de fé. Para o pensador a vontade de saber é uma tendência inata do ser humano que, antes da vinda de Cristo, era a única forma de entendermos a realidade. Porém, após a encarnação de Cristo surgiu uma nova fonte de conhecimento humano: a revelação divina. Esta deve ser aceita na fé. Por isso, ele concluiu que todo conhecimento deve começar por um ato de fé. A partir disso, o filósofo irlandês chegou à conclusão de que o conhecimento (razão) deve seguir a fé, pois esta busca compreender a própria verdade (ZILLES, 1993, p. 80-81). Para Erígena, a “fé é apenas o princípio do conhecimento de Deus. Primeiro, a razão deve descobrir o sentido profundo das palavras da revelação. A partir de tal conhecimento, a razão pode, depois, buscar uma compreensão perfeita das coisas” (*idem*). Em outras palavras, a razão e a fé se complementariam desde que a razão se submetesse a fé e a revelação divina.

Outro filósofo de destaque do período da Alta Escolástica foi o francês Pedro Abelardo (1079-1152). Considerado do movimento a favor de Santo Anselmo (os dialéticos), Abelardo defendeu que a razão pode entender e esclarecer alguns mistérios da fé, ou seja, da revelação. Para o pensador francês, “ a fé deve ser razoável, ou seja, conforme a razão” (1993, p. 94). Nesse sentido, para Abelardo fé e razão são complementares, haja vista que, só a razão capacita o ser humano a ter fé. O pensamento do filósofo escolástico pode ser resumido na frase: “*Intelligo ut credam*” (Entendo porque creio). Santo Anselmo (1033-1109), por sua vez, defendia o oposto: “*Credo ut intelligam*” (Creio porque entendo).

Na fase da Alta Escolástica não há uma distinção nítida entre Filosofia e Teologia, ambas estão integradas dentro do pensamento de que fé e a razão se integram, se completam. Em contrapartida no período do Florescimento da Escolástica há algumas mudanças importantes. Nesse período destacam-se dois filósofos que possuem formas distintas de pensar o problema proposto: João Duns Escoto (1266-1308) e Tomás de Aquino (1221-1274).

Tomás de Aquino, influenciado pelo pensamento de Aristóteles, demonstrou que a fé e a razão não se conflitam. Para ele, só a razão não leva as pessoas a uma

compreensão plena de Deus, contudo a razão pode fazer parte do processo de revelação e de demonstrar a existência de Deus. Assim, o homem necessita de um conhecimento superior, a divina revelação para descobrir a verdade divina. Para Tomás de Aquino, “ a fé pode aprender aquilo que a razão não consegue, pois, a verdade da fé cristã ultrapassa a capacidade da razão humana” (1990, I, p. 5). Nesse sentido, para Tomás de Aquino, há um duplo acesso ao conhecimento de Deus:

Há com efeito, duas ordens de verdades que afirmamos de Deus. Algumas são verdades referentes a Deus e que excedem toda capacidade da razão humana, como por exemplo, Deus ser trino e uno. Outras são aquelas as quais a razão pode admitir, como por exemplo, Deus ser, Deus ser uno e outros semelhantes. Estas os filósofos, conduzidos pela luz da razão natural, provaram por via demonstrativa, poderem ser realmente ser atribuídas a Deus (1990, I, p. 14).

A partir do pensamento de Tomás de Aquino pode-se concluir que fé e razão são modos diferentes de conhecer; fé e razão não se podem contradizer porque Deus é o autor comum de ambas; a razão por si só é incapaz de entender os mistérios da revelação; a razão pode prestar um grande serviço à fé no momento de demonstrar o que pertence ao âmbito da crença e para se defender contra argumentos contrários a revelação.

João Duns Escoto, por outro lado, defende que “fé e razão” são dois saberes que tem pouca relação entre si. O pensador defende que “ o que sabemos pela revelação sabemos com certeza, mas por iluminação e gratuidade divinas, não por capacidade da razão” (1993, p. 104). Em outras palavras, segundo Escoto, as verdades fundamentais da fé (Trindade, encarnação) são objetos da fé e não demonstráveis racionalmente. A partir disso, pode-se afirmar que o filósofo separa Filosofia da Teologia. Enquanto o primeiro obedece ao procedimento demonstrativo, natural, o segundo segue o procedimento persuasivo, do sobrenatural. A Filosofia compreende intermediado pela Razão, a Teologia trata dos artigos da fé. Apesar das diferenças, Urbano Zilles (1993) destaca que “Duns Escoto não afirma que razão e fé se opõem ou contradizem ou que haja duas verdades. Diz apenas que no terreno da fé, a razão não tem competência” (p.105).

Por último, no período da Dissolução da Escolástica, o filósofo inglês Guilherme de Ockam (1285-1349) foi responsável por separar filosoficamente a

razão da fé. Para Ockam, a teologia não é ciência, não havendo nenhuma possibilidade de conciliação entre a razão e a fé. Nesse sentido, “ não podemos ter nenhuma notícia intuitiva de Deus, nem pelos sentidos, nem pela inteligência. Portanto, se o conhecimento abstrativo pressupõe o intuitivo, é impossível conhecer a Deus por meios naturais” (1993, p.120). Em oposição aos filósofos anteriores, Ockam aponta que não há conhecimento evidente da existência de Deus. “ A existência e a perfeição de Deus são conhecidas pela fé, que nos esclarece até sobre a onipotência divina. A fé é o único refúgio da certeza religiosa” (p.122).

No fim da Idade Média e no início do período moderno aparece um filósofo alemão, a saber, Nicolau de Cusa (1401-1464), que ocupa uma posição singular de confluência entre a Escolástica e o Renascimento, ocupando uma posição própria com relação ao pensamento escolástico anterior. Nesse sentido, Nicolau de Cusa é “ um homem que vive na fronteira de dois mundos” (COLOMER, 1973, p. 119). A partir desta posição o pensador alemão defende que fé e razão são complementares.

Para Nicolau de Cusa, fé e razão mantêm uma relação integradora, de inclusão. Ele entende a fé como um todo abrangente, sendo o início da compreensão. A fé precede e a acompanha o saber, aumentando sua capacidade, mas não substitui a razão, uma vez que esta se ordena propriamente à ciência e não a fé. “A fé é a luz que vem do alto e ilumina nossa inteligência como o raio do sol ilumina a atmosfera, possibilitando nossa visão das coisas, sua cor e suas formas” (1993, p. 151). Nessa perspectiva, pela fé, o crente conhece mais a Deus do que o descrente. “Crer e saber são dois movimentos do nosso espírito. Por isso, não só a fé ajuda à inteligência, mas esta também ajuda à fé” (*idem*).

Para o filósofo alemão, todo aquele que quiser chegar à ciência deve crer nela. Além disso, a fé é abrangente e inclui o racional, por outro lado, o racional explica a fé. Na principal obra, *A Doutra Ignorância*, Nicolau de Cusa (1973) afirma:

Todos os nossos antepassados foram unânimes em testemunhar que a fé é o começo do intelecto. Em toda a faculdade pressupõem-se certas coisas como primeiros princípios que só podem ser apreendidas pela fé, delas adquire-se a inteligência daquilo que se trata. Todo aquele que quiser progredir no conhecimento, necessariamente deve crer naquilo que lhe possibilita o progresso. Por isso a fé inclui, em si, tudo que é inteligível. O intelecto, porém é a explicação da fé. Orienta-se pela fé e esta expressa-se pela razão. Onde não houver fé sadia também não haverá verdadeiro conhecimento. É

manifesto a que conseqüências o erro nos princípios e a debilidade no fundamento conduzem. Mas nenhuma fé é mais perfeita que a própria verdade, Jesus Cristo (p. 11, *tradução minha*).

Para o Cusano, fé e razão só fazem sentido com relação ao homem, aquele que crê e busca o conhecimento. Dentro do seu pensamento Deus é o supremo princípio, o Ser e a Verdade, sendo que sua filosofia é aquela que prepara o caminho do Evangelho.

Posto isso, cabe mencionar que com o pensamento epistemológico do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) houve uma ruptura entre fé e razão. “Pela voz de Kant, a ala moderada do Iluminismo dissera ao mesmo tempo que a razão teórica nada sabia de Deus, e que isso deixava o campo livre à fé” (LACOSTE, 2004, p.729). A Filosofia das Luzes, tinha também seus radicais, e esses fizeram saber que os limites do racional são os limites do cognoscível. Como resultado, ao contrário da Escolástica e de Nicolau de Cusa, tivemos uma fé que não buscava a razão e uma razão que não procurava a fé.

De acordo com a filosofia Transcendental de Kant, a razão é limitada e “só se pode conhecer o que aparece ao sujeito como fenômeno, ou seja, o múltiplo no espaço e no tempo que é subsumido sob categorias” (ZILLES, 1994, p.119). Nessa perspectiva, tudo aquilo que não é fenômeno (cognoscível) é chamado “coisa em si” e não pode ser conhecido porque está aquém de toda a experiência de conhecimento humano. Para Kant, o que não pode ser apreendido, passa ao campo da fé, ou seja, daquilo que se pode acreditar (Razão Prática).

Para Kant, a fé é uma crença teoricamente insuficiente, “reconhecendo nela a atitude compromissada que pode dirigir tanto a habilidade, ou seja, a atividade que tem em vista fins arbitrários e acidentais, quanto a moralidade, que visa a fins absolutamente necessários” (ABBAGNANO, 2007, p. 432). O filósofo alemão fala de uma “fé moral” que constitui uma certeza moral que se baseia em fundamentos subjetivos. “ Assim, nunca devo dizer: é moralmente certo que Deus existe, etc. mas: estou moralmente certo, etc. Ou seja, a fé em Deus e em outro mundo está tão profundamente entrelaçada com meu sentimento moral que, assim como não corro o risco de perder este, tampouco temo que aquela me seja retirada” (*idem*). Por último, é possível perceber que Kant separou a razão da fé, sendo que a primeira pertence ao domínio do conhecimento (daquilo que se pode ou não conhecer) e a segunda ao

domínio da crença (daquilo que é moralmente bom para as pessoas). Ao contrário dos Escolásticos e de Nicolau de Cusa, o filósofo alemão demonstrou que a fé não faz parte do processo de conhecimento ou de “busca da verdade”, mas que ocupa um estágio separado. Com Kant, ficou estipulado que não se pode conhecer Deus, pois a nossa razão é limitada, pode-se apenas crer ou não nele. Assim, no domínio epistemológico há uma ruptura entre fé e razão.

Quadro 1: Esquema resumido sobre “Fé e Razão” no pensamento dos filósofos

FILOSÓFO	PERÍODO HISTÓRICO	PENSAMENTO
João Escoto Erígena	Alta Escolástica	A fé e a razão se complementam desde que a razão se submeta à fé e a revelação divina.
Pedro Abelardo	Alta Escolástica	“ <i>Intelligo ut credam</i> ” (Entendo porque creio). Se complementam.
Santo Anselmo	Alta Escolástica	“ <i>Credo ut intelligam</i> ” (Creio porque entendo). Se complementam.
João Duns Escoto	Florescimento da Escolástica	“No terreno da fé, a razão não tem competência” – São mais opostas.
Tomás de Aquino	Florescimento da Escolástica	Se complementam. A razão pode fazer parte do processo de revelação e de demonstrar a existência de Deus.
Guilherme de Ockam	Dissolução da Escolástica	Crença e conhecimento são diferentes, por isso fé e razão também.
Nicolau de Cusa	Fim da Idade Média e início do período moderno	Fé e razão mantêm uma relação integradora, de inclusão.
Immanuel Kant	Iluminismo alemão	A razão conhece, apesar de limitada. A fé só pode crer naquilo que não se pode conhecer.

Fonte: Própria Autoria, 2018

2) As Mídias e a Educação

A palavra mídia vem do inglês *media* e significa meios de comunicação de massa. Originada do latim *medium*, meio ou centro, segundo o dicionário Houaiss (VILLAR, 2011), representa o conjunto dos meios de comunicação usados para a veiculação de informações. “Os principais meios de comunicação incluem televisão, rádio, jornais, revistas, catálogos, mala direta, telefone e canais online. Cada meio tem suas vantagens e desvantagens em termos de custo, alcance, frequência e impacto” (KOTLER, 2003, p.174).

O termo mídia também está diretamente relacionado a outro termo: hipermídia. O termo “hipermídia” (do inglês *hypermedia*), é considerado um sinônimo de hipertexto, apesar de haver diferenças entre ambos: “complexos de ramificações de gráficos, animações e som interativos (hipermídia) e um texto ramificado que permite respostas ou reações (hipertexto) (NELSON, 1992, p.12). Hipermídia está relacionado a sistemas computacionais que favorecem a ligação interativa não sequencial entre nós de informação, como os sistemas de hipertexto, porém representados por múltiplos meios: grafismos, imagens animadas (ou estáticas), sons, áudios e vídeos. De acordo com o pensamento de Negroponte (1995):

A hipermídia é um desenvolvimento do hipertexto, designando a narrativa com alto grau de interconexão, a informação vinculada [...] Pense na hipermídia como uma coletânea de mensagens elásticas que podem ser esticadas ou encolhidas de acordo com as ações do leitor. As idéias podem ser abertas ou analisadas com múltiplos níveis de detalhamento (p.66).

Hipermídia e Hipertexto, enquanto programas de computador ou como linguagem, surgem simultaneamente. Além disso, por suas características, a hipermídia também é definida como a interseção entre os conceitos de multimídia e hipertexto, sendo que multimídia são os mais variados meios utilizados na representação de uma informação (texto, imagem, áudio, animação e vídeo) (BARROS; REZENDE, 2005).

Tendo destacado isso cabe ressaltar que o processo de conhecimento junto com os alunos pode ocorrer de diversas maneiras, entre elas a intermediada pelas hipermídias no contexto educacional. Pode-se usar no ensino a fala, o giz e o quadro, assim como podem ser utilizados recursos como as Tecnologias da

Informação e Comunicação (TIC's): internet, imagens, vídeos, música, dentre outros. Ou até mesmo usar os dois juntos. Neste caso, não é necessário avaliar estes métodos recorrendo a juízos de valor, isto é, afirmando que um método é bom e outro é ruim. Porém, deve-se comentar a eficiência deles no ato de chegarmos ao conhecimento junto com os alunos.

Vive-se num contexto histórico que o uso da internet se tornou um hábito cotidiano e indispensável, independente de classe social ou faixa etária, propor a utilização destas ferramentas em sala de aula pode ser uma forma de tornar as aulas mais dinâmicas e interativas para os alunos, mais eficientes para alcançar metas, ao mesmo tempo em que o docente está “educando” os discentes para o uso da internet enquanto uma fonte de conhecimento, por meio de diversos recursos disponíveis na rede com fins educativos (canais, sites, blogs). Haja vista que, entre os alunos e professores uma “parte considerável não possui competências e habilidades para o manejo crítico das mídias” (ALVES; SILVA, 2015, p. 2);

Partindo do fato incontestável que na vida contemporânea a tecnologia e as mídias ocupam boa parte do dia das pessoas e de suas práticas, por que não a levar para a sala de aula ou para espaços educativos informais? É fato que a Educação não pode parar no tempo, ela tem que evoluir junto com as sociedades, e no nosso tempo as sociedades estão cada vez mais informadas, informatizadas, empregando as TIC's a todo momento, sendo parte integrada de um todo complexo.

Prensky (2001) afirma que a geração de adolescentes e jovens conectados, nascidos na era da internet, podem ser chamados de nativos digitais. Os nativos digitais são os mesmos alunos que frequentam as salas de aulas do Ensino Médio. Por outro lado, para o autor existem também os imigrantes digitais, ou seja, os professores que viveram antes da propagação da internet e das TIC's e não se adaptaram as mudanças oriundas dessa revolução tecnológica e midiática. O problema da educação para o autor está relacionado a comunicação e a convivência entre esses dois perfis, distantes um do outro. Algo a ser destacado aqui é que o uso das mídias em sala de aula atenua esse problema levantado por Prensky, haja vista que há uma aproximação midiática entre alunos e professor. De acordo com Alves; Silva (2015),

Os professores estão na vanguarda das mudanças ocorridas na era moderna. É na escola que os aparelhos digitais são usados pelos estudantes, desde o celular, tablets, ipods, Ipad, notebook e outros dispositivos com acesso à internet. Com as tecnologias mudam os processos produtivos, as relações sociais são alteradas e o professor é desafiado a ser um profissional autônomo, criativo, crítico, cooperativo e agregador de novas ideias e práticas (p.4-5).

Juntamente com o surgimento das TIC's eclodiu uma nova demanda para a educação, sobretudo na relação de ensino-aprendizagem desenvolvido entre docente e discente. Nesse sentido, os professores “podem optar por ignorar os seus olhos, ouvidos e intuição fingindo que o nativo digital/imigrante digital não existe e continuar a usar os seus métodos tradicionais muito menos eficazes até se aposentarem” (PRENSKY, 2001, p.7) ou “podem escolher [...] comunicar o seu conhecimento ainda valioso e sabedoria numa nova linguagem” (*idem*).

Optando pela instauração de uma nova linguagem na escola (a da hipermídia) foi utilizado nesse trabalho o *Google Forms* (Formulários do google) e o registro fotográfico por parte dos alunos. O Formulário do Google permite a criação de questionários online usados para a elaboração de pesquisas. Cabe destacar que o Google Forms também pode ser utilizado pelo docente para construir avaliações disciplinares com os alunos. O acesso é fácil, intuitivo e oferece *design* automatizado e fornece vários estilos de perguntas pré-elaboradas. No formulário criado foi utilizado perguntas com respostas fechadas, perguntas com respostas de múltipla escolha e perguntas com respostas abertas.

Além disso, os formulários Google permitem que o usuário “recolha e organize gratuitamente informações grandes e pequenas” (GOOGLE, 2017). As respostas da pesquisa são armazenadas em planilhas (*Google Sheets*) e podem ser visualizadas em gráficos ou mesmo numa planilha. Heidemann et al. (2010, p. 32) afirma que “levantamentos de opiniões podem ser facilmente implementados no Google Forms”. Acerca da utilização dos Formulários online com os alunos Kenski (2008) aponta que:

O desenvolvimento de uma cultura informática é essencial na reestruturação da gestão da educação, na reformulação dos programas pedagógicos, na flexibilização das estruturas de ensino, na interdisciplinaridade dos conteúdos, no relacionamento dessas instituições com outras esferas sociais e com a comunidade de forma geral (p. 86).

Entre as vantagens de uso do *Google Form* pode-se destacar a gratuidade (sendo apenas necessário ter uma conta no Gmail), a coleta de dados em tempo mínimo, a facilidade de manuseio, a presença de interfaces interativas, a redução em custo de impressão de papel e de procurar por pessoas (já que no Formulário Google basta ter o e-mail dos participantes), as várias opções de respostas, a tabulação dos resultados em planilha (semelhante a do Excel) e em gráficos e a facilidade de acesso aos formulários (pelo smartphone, tablet, computador).

O registro de fotos por parte dos alunos fez parte da pesquisa “Fé e Razão ou Fé vs Razão?” e tinha por objetivo fazer com que os discentes interagissem com o problema levantado, utilizando as mídias para uma finalidade educativa, hipermidiática e filosófica. As fotos foram o resultado da visão de alguns alunos, externadas em imagens, sobre o problema proposto sobre fé e razão. Para Pierre Lévy (1999), o que define a interatividade é a possibilidade de transformar as pessoas envolvidas na comunicação em emissores e receptores da mensagem, sobretudo aqueles indivíduos que utilizam recursos tecnológicos. A hipermídia parte do pressuposto teórico da interatividade. A proposta do registro fotográfico por parte dos alunos tinha a finalidade de propor a interatividade descrita por Lévy e introduzir as percepções do problema a partir das imagens estáticas, ou seja, de um elemento da hipermídia.

Além disso, a utilização do questionário do “*Google forms*” na pesquisa e a atividade do registro de fotos por parte dos alunos está de acordo também com o desenvolvimento da competência midiática. “ A competência midiática envolve o domínio de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas a seis dimensões básicas” (FERRÉS; PISCITELLI, 2015, p. 8). As seis dimensões básicas são: Linguagem, Tecnologia, Processos de Interação, Processos de produção e difusão, ideologia e valores e estética. A partir das seis dimensões são elaborados indicadores. “Estes indicadores estão relacionados, em cada caso, com o âmbito de participação das pessoas que recebem mensagens e interagem com elas (âmbito de análise) e das pessoas que produzem as mensagens (âmbito de expressão)” (2015, p.9).

Por meio do desenvolvimento das atividades didáticas é perceptível que houve o trabalho de algumas dessas dimensões. Nessa perspectiva, no que tange a linguagem buscou-se desenvolver nos alunos a “capacidade de interpretar e avaliar

os diversos códigos de representação e a função que cumprem em uma mensagem” (*idem*), por meio do registro fotográfico. Na dimensão da Tecnologia priorizou-se a “capacidade de manusear as inovações tecnológicas tornando possível uma comunicação multimodal e multimídia” (p.10). A respeito da dimensão dos Processos de interação buscou-se aperfeiçoar nos alunos a “capacidade de gerir o ócio midiático convertendo-o em oportunidade para a aprendizagem” (p.11) e a “capacidade de discernir e gerir as dissociações que por vezes são produzidas entre sensação e opinião, entre emotividade e racionalidade” (*idem*). Por último, na dimensão estética, sobretudo na atividade do ensaio fotográfico, houve a busca pelo aperfeiçoamento nos discentes da “capacidade de relacionar as produções midiáticas com outras manifestações artísticas, detectando influências mútuas” (2015, p.14).

A participação dos alunos no preenchimento do formulário do “*Google forms*”, sob um viés da competência midiática, buscou desenvolver nos alunos a “capacidade de aproveitar as novas ferramentas comunicativas para transmitir valores e contribuir para a melhoria do ambiente em que vivemos, como uma atitude de compromisso social e cultural” (2015, p.15). Além disso, entre os alunos uma “parte considerável não possui competências e habilidades para o manejo crítico das mídias” (ALVES; SILVA, 2015, p. 2).

Por fim, a utilização do *Google Forms* e do registro fotográfico na pesquisa permitiu os alunos e o docente a participarem de uma atividade hipermidiática (por meio do formulário online e do registro de imagens), voltada para interatividade proporcionada entre as pessoas e as máquinas. Foi perceptível que o professor pode inovar nas suas aulas, também o de Filosofia, ao trazer recursos midiáticos para o contexto escolar.

3) Percepções filosóficas a partir de atividades midiáticas

A partir dos apontamentos teóricos realizados anteriormente a respeito do tema proposto viu-se a necessidade de fazer um levantamento de dados a respeito do posicionamento de algumas pessoas com relação ao tema proposto: “Fé e razão ou Fé x razão?”. Para tanto, foram utilizados dois métodos de pesquisa nesse trabalho, o preenchimento de um questionário eletrônico elaborado no *Google Forms*

a ser respondido pelos alunos e a realização de entrevistas com pessoas que possuem pontos de vistas opostos com relação ao tema abordado. Por último, os alunos que responderam o questionário foram convidados a registrarem fotografias que para eles tinham ligação com as respostas dadas e com os conceitos de fé e razão.

3.1) Formulário de Pesquisa “Fé e razão ou Fé x razão?”

Na primeira atividade foi criado um Formulário eletrônico com 12 questões (Apêndice 1) destinado a alunos de todos os anos do Ensino Médio, sendo discentes que frequentam uma escola estadual onde leciono Filosofia, situada no município de Barbacena, em Minas Gerais. O “Formulário dos Alunos” continha 12 questões de cunho pessoal e opinativo, com questões de múltipla escolha, com caixa de seleção (Sim e Não) e discursivas. Foi estipulado um prazo para a participação de no máximo 11 dias, do dia 09/06/2018 ao dia 20/06/2018, data mais que suficiente para a participação. Foram enviados 60 formulários para os estudantes do Ensino Médio, com a devida explicação em sala de aula do objetivo do projeto.

Figura 1: Imagem do Google Forms criado para a pesquisa e enviado aos alunos.

Fé x Razão ou Fé e Razão? (Alunos)

Formulário de pesquisa

1) Qual o seu nome?

Texto de resposta curta

2) Você frequenta alguma instituição religiosa?

SIM

NÃO

3) Qual instituição religiosa você frequenta?

Católica

Evangélica

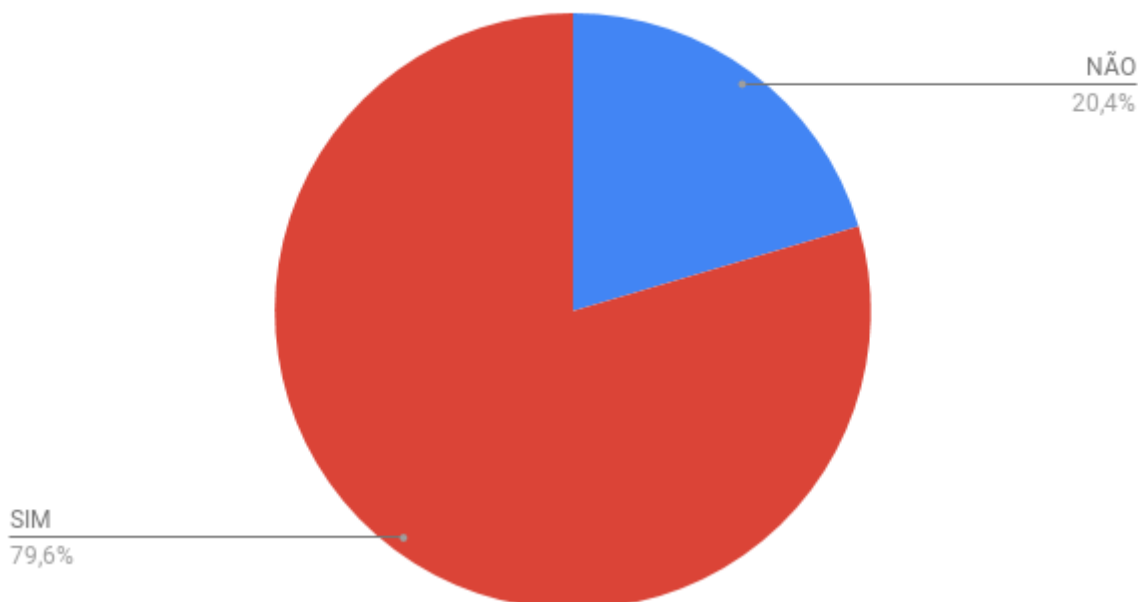
Fonte: Própria Aatoria, 2018

Após a elaboração das perguntas e da criação do formulário de acordo com o tema proposto, o passo seguinte foi o envio deles para o e-mail de 60 estudantes do Ensino Médio. Mais adiante foi realizada a apuração dos questionários respondidos, da quantidade de participações e dos dados obtidos. Nessa perspectiva, foram respondidos dentro do prazo estipulado um total de 49 questionários. Desse modo, aproximadamente 83 % dos estudantes do Ensino Médio responderam o questionário, a grande maioria. No total houve participação de aproximadamente 82% das pessoas, em comparação ao total de formulários enviados.

Posto isso, cabe destacar que os resultados alcançados a partir da análise das repostas dadas pelos participantes. No Formulário enviado aos alunos do Ensino Médio, como já foi mencionado, houve a participação de 49 alunos, de um total de 60 formulários enviados. Inicialmente, vamos analisar as respostas para as questões propostas no formulário eletrônico, conforme os gráficos a seguir:

Gráfico 1: Índice de alunos religiosos.

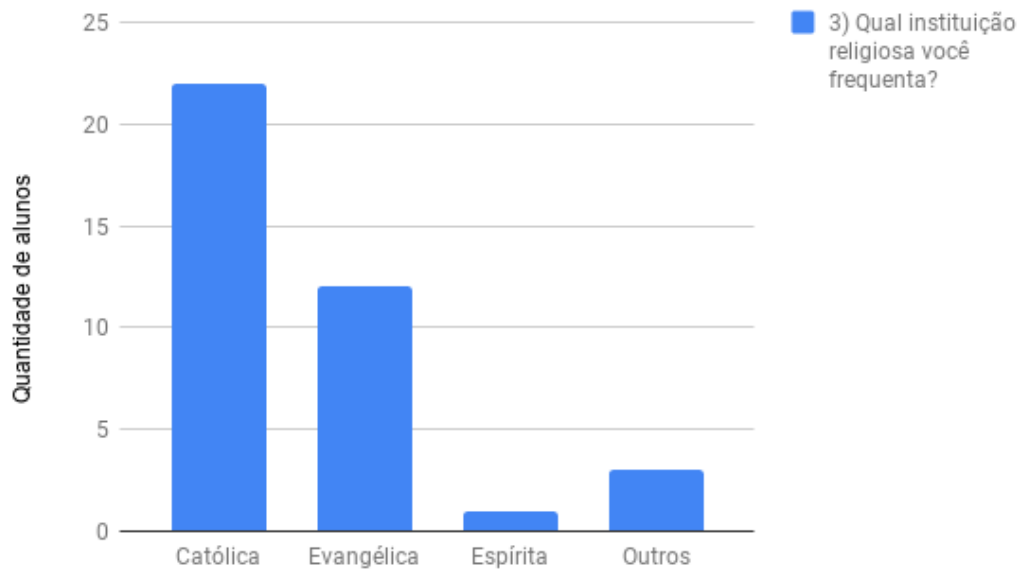
2) Você frequenta alguma instituição religiosa?



Fonte: Própria Aatoria, 2018

Gráfico 2: Índice de instituições religiosas frequentadas pelos alunos.

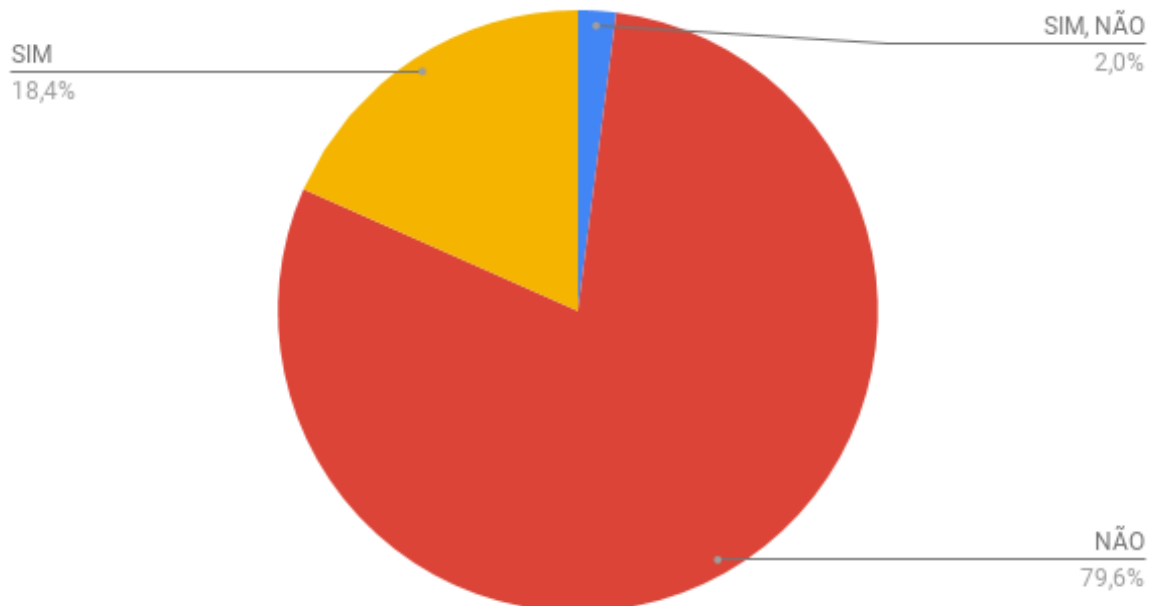
3) Qual instituição religiosa você frequenta?



Fonte: Própria Autoria

Gráfico 3: Índice de alunos que se consideram religiosos (as) não praticantes.

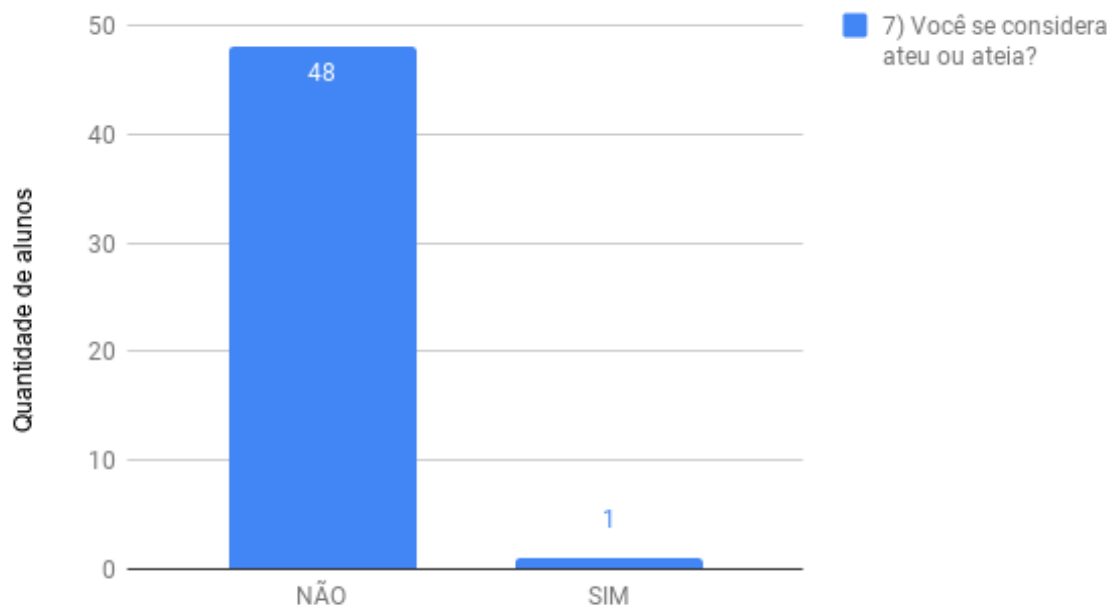
6) Você se considera religioso(a) não praticante?



Fonte: Própria Autoria, 2018

Gráfico 4: Índice de alunos ateus ou ateias.

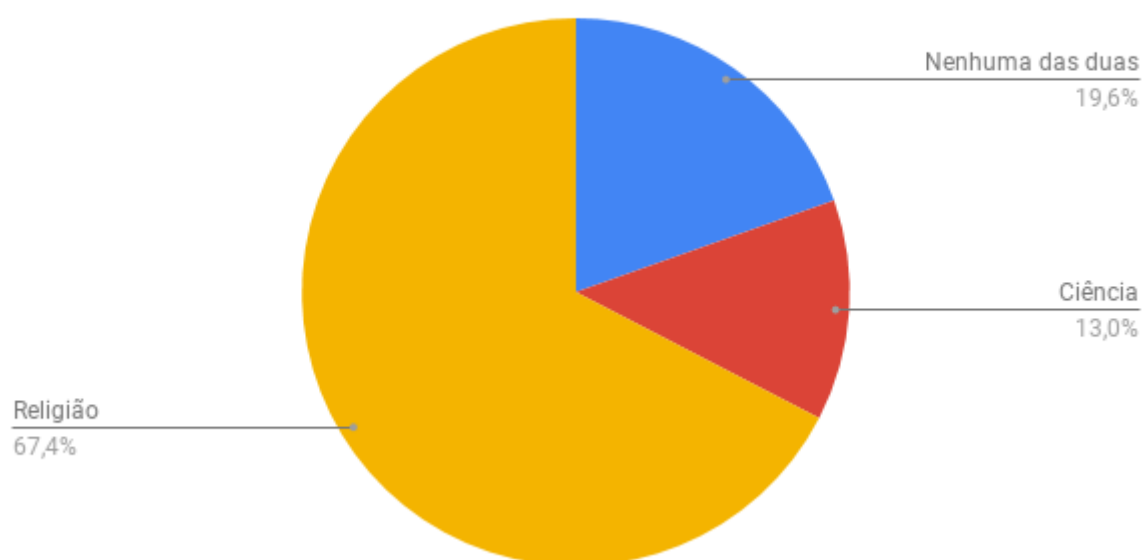
7) Você se considera ateu ou ateia?



Fonte: Própria Autoria, 2018

Gráfico 5: Índice de alunos que veem na religião ou na ciência uma explicação satisfatória para a realidade.

12) Na sua visão qual das opções abaixo apresenta uma visão mais satisfatória da realidade:



Fonte: Própria Autoria, 2018

A partir dos gráficos expostos foi possível concluir que a maioria dos estudantes do Ensino Médio que participaram da pesquisa frequentam alguma instituição religiosa e são, em sua maioria, católicos (22 alunos), seguidos de evangélicos (12 alunos) e 1 espírita. Os alunos que escolheram a opção “Outros” são, respectivamente, Testemunhas de Jeová (2) e Umbandistas (2). Foram 11 os alunos que disseram que não frequentam Instituição religiosa alguma, cerca de 22% dos alunos consultados. Além disso, a grande maioria dos participantes se dizem não serem religiosos praticantes e não serem ateus ou ateias. Pode-se dizer que de cada 10 alunos que participaram da pesquisa 2 são religiosos não praticantes e dos 49 alunos participantes 1 apenas se diz ateu ou ateia. Por fim, 67,4% dos participantes afirmaram que a Religião apresenta uma visão mais satisfatória da realidade, seguido de 19,6 % que pensam não ser “Nenhuma das duas” e 13% que pensa ser a Ciência que dá explicações satisfatórias para a vida.

No que tange ao conteúdo das respostas para as perguntas 4, 5, 8, 10 e 11 do formulário eletrônico voltado para os alunos do Ensino Médio, houve uma série de respostas distintas e com visões específicas do que foi perguntado. Cabe ressaltar que para manter o sigilo da identidade dos alunos foi realizada a criação de nomes fictícios, exceto aqueles alunos em que os pais autorizaram a publicação dos nomes na pesquisa.

As respostas para a questão número 4 (Qual o motivo de você frequentar a instituição religiosa?), em sua maioria, atribuiu a causa da participação religiosa ao costume familiar e a participarem desde muito cedo. O aluno João respondeu o seguinte: “Eu frequento a Igreja Católica por motivos da minha família me levar, aí depois que cresci continuo frequentando e me sinto muito bem dentro da Igreja”. A participante da pesquisa Rayane afirmou: “Sou da Congregação Cristã do Brasil desde 20/04/2017. Eu frequento porque meu cunhado já frequentava, aí ele começou a falar da Igreja e eu fui, gostei e batizei e não pretendo sair”. Cabe destacar que 9 dos 50 alunos que responderam a essa questão começaram a frequentar a sua religião atual pelo fato de despertarem o interesse tardiamente (nos últimos 4 anos), tendo sido motivados por amigos e parentes próximos. Emília, por exemplo, destacou no seu texto: “ Sou evangélica desde os 14 anos”.

Entre os participantes que responderam à questão número 5 (Qual o motivo de você NÃO frequentar alguma instituição religiosa?), mais precisamente 9 alunos,

algo que surpreendeu foi o fato de 4 alunos apontarem que não frequentam Instituição religiosa nenhuma por se decepcionarem ou não concordarem com as doutrinas religiosas. A aluna Sabrina, por exemplo, do 2º ano do Ensino Médio, afirmou que: “Acho que a igreja impõem (*sic*) muitas doutrinas, eu prefiro orar em casa ter a minha fé sem ter que "seguir" opiniões que não acho certas”. A aluna Ana Laura, também do 2º ano escreveu o seguinte: “Hoje em dia não frequento, mas já frequentei 12 anos da minha vida os Testemunhas de Jeová, sai pois não concordo com muitas regras e queria levar uma vida que eles não concordavam (namorar, piercing, tatuagens)”. Entre outras respostas alguns alunos se denominaram “ateus” e alguns mencionaram que os seus pais não têm nenhuma religião.

As questões 8 e 10 do formulário dos alunos também apresentaram respostas bem diversificadas. O ponto de vista comum entre as respostas para a questão número 8 (Para você o que é a “Fé”?) foi expresso de forma objetiva pelo aluno do 1º ano do Ensino Médio Pedro Henrique, “ fé é acreditar em Deus”. Além dessa resposta, outra resposta comum entre as participações foi de que a fé é “acreditar em algo mesmo sem ver” (Alexandre, 2º ano). Como resultado foi respondido que a fé é crer, acreditar, ter confiança em algo superior e maior que o ser humano, de que a fé nos dá esperança de que tudo vai dar certo, que a fé traz o conforto, a confiança no poder e no amparo de um deus superior, dentre outras. Por outro lado, a questão 10 (Para você o que é a “Razão”?) apresentou entendimentos e opiniões bem próximas. O ponto de vista expresso pela Fabiana, aluna do 3º ano do Ensino Médio resume bem a ideia geral compartilhada: “ Razão é tudo o que é compreendido através do raciocínio, da lógica e é o contrário de acreditar”. Consequentemente, a razão “ precisa de ver para crer”, é explicável, lida com o real, com fatos, “ela busca o conhecimento”. Ronaldo, aluno do 1º ano, pensa assim: A razão “é uma forma de comprovar certas coisas, como na ciência, cientistas não ficam satisfeitos com o "crê" e com o acreditar em algo que nunca conseguimos ver. Para eles é só no "ver para crer".

Por último a questão central para esse trabalho (Questão 11: No seu entendimento a fé a razão humanas se complementam ou são duas coisas diferentes?) e que teve maior participação escrita nas respostas dadas. 34 alunos (68%) afirmaram que fé e razão são opostas, 12 alunos afirmaram que elas se complementam e 8% não respondeu (Apêndice 2).

3.2) Entrevistas e Ensaio Fotográfico

A segunda parte prática da pesquisa foi feita a partir de entrevistas com pessoas envolvidas de alguma forma com a problemática levantada. As entrevistas foram realizadas com 4 pessoas (Apêndice 3). Por último, alguns alunos foram selecionados para fotografarem com seus *smartphones* algumas imagens que para eles simbolizassem o problema filosófico proposto (Apêndice 4).

CONCLUSÃO

A partir do trabalho desenvolvido foi possível observar que no pensamento filosófico existe espaço tanto para concepções a favor da fé como complemento da razão, assim como existe perspectivas antagônicas acerca dos dois conceitos. Vale destacar que ambas as posições expostas aqui não respondem inteiramente o problema se Fé e razão são complementares ou opostas, porém, trazem um primeiro esboço que fundamenta a discussão.

Como foi possível observar a história da filosofia se divide entre os filósofos que são a favor do “ Fé e razão” e os filósofos que defendem que Fé e Razão são antagônicos. Os representantes da Escolástica e Nicolau de Cusa, em sua maioria, alegam que a razão está a serviço da fé e que a verdade revelada se manifesta a nossa razão. Por outro lado, filósofos como Guilherme de Ockam e Immanuel Kant demonstram que a fé e a razão pertencem a domínios distintos da esfera humana, sendo que existe uma diferença abismal entre conhecer e acreditar.

No que se refere a mídias e a educação percebeu-se que o uso dos recursos hipermidiáticos (fotos e o questionário online) tornam o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e interativo. Os alunos participaram ativamente das atividades propostas, o que mostra que as mídias otimizam o processo educativo. Por isso recomenda-se o uso dessas ferramentas em sala de aula.

No trabalho prático desenvolvido, a saber, o preenchimento do *Google Forms*, a realização das entrevistas e o registro fotográfico foi perceptível que os alunos se mostraram mais a favor da ideia de que fé e razão são opostas. A maioria dos alunos se autodenominaram religiosos e participantes das suas comunidades religiosas. De um modo geral, foi observado entre as respostas dos questionários

que a fé pertence ao âmbito da crença em Deus, de depositar a confiança nesse Poder Superior, que a fé não necessita de provas empíricas, que ter fé faz bem ao ser humano. Em contrapartida, a razão foi muito associada a ciência, às provas empíricas, a capacidade intelectual e cognoscível do ser humano. Nas entrevistas realizadas foram apresentadas quatro visões distintas acerca do problema levantado.

Por fim, o trabalho desenvolvido apresentou alguns direcionamentos teóricos e práticos acerca de um problema filosófico que está longe de ser respondido, haja vista que no processo dialético da Filosofia sempre surgirão novas perspectivas e indagações.

REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bossi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, E. J.; SILVA, B. D. **Literacia digital de professores: competências e habilidades para o uso das TDIC na docência**. In: XVII Encontro Nacional de Prática de Ensino, ENDIPE, 2014, Fortaleza. *E-book Didática e Prática de Ensino na relação com a Escola*. Fortaleza-CE: EdUECE, 2015.

AQUINO, Thomas. **Suma contra os gentios**. Porto Alegre: EST-UCS-Sulina, 1990.

BARROS; Susana de Souza, REZENDE; Flávia. **A Hipermídia e a Aprendizagem de Ciências: Exemplos na área de Física**. Revista Física na Escola, v.6, nº1, 2005. p. 63-68.

COLOMER, Eusebi. **De la Edad Media al Renacimiento**. Barcelona: Herder, 1973.

CUSA, Nicolau de. **La Docta ignorantia**. 4 ed. Buenos Aires: Aguilar, 1973.

FERRÉS; Joan, PISCITELLI, Alejandro. **Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores**. Revista Lumina do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, Vol.9/ nº1/ junho 2015.

GOOGLE. **Introducing Google Drive yes, really**. 2012. Disponível em: <<https://googleblog.blogspot.com.br/2012/04/introducing-google-drive-yesreally.html>>. Acesso em: 18 Jun. 2018.

HEIDEMANN, L.A et al. **Ferramentas online no ensino de Ciências: uma proposta com o Google Docs**. Revista Física na Escola, v. 11, n.2, 2010.

HOUAISS, **Dicionário Houaiss Conciso**. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Moderna, 2011.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

KOTLER, Philip. **Marketing de A a Z: 80 conceitos que todo profissional precisa saber**. Trad. por: Afonso Celso da C. Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. Trad. Paulo Meneses [et al]. São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Ed. 34, 1999.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

NELSON, Theodor Holm. **Literary Machines**. Sausalito, California, EUA: Mindful Press, 1992.

PRENSKY, M. **Digital Game-Based Learning**. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2001.

VOLTAIRE, François Marie Arouet de. **Dicionário Filosófico**. Coleção: Os Pensadores. Trad. Marilena de Souza Chauí. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no pensamento medieval**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

_____. **Teoria do Conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

PERGUNTAS FEITAS NO GOOGLE FORMS

Quadro 2
1) Qual o seu nome?
2) Você frequenta alguma instituição religiosa? ()SIM ()NÃO
3) Qual instituição religiosa você frequenta? () Católica () Evangélica () Espírita () Outras
4) Qual o motivo de você frequentar a instituição religiosa?
5) Qual o motivo de você NÃO frequentar alguma instituição religiosa?
6) Você se considera religioso (a) não praticante? (Aquele que se diz da religião X, mas não participa dos rituais, celebrações, etc.) ()SIM ()NÃO
7) Você se considera ateu ou ateia? ()SIM ()NÃO
8) Para você o que é a “Fé”?
9) Para você o que é a “Razão”?
10) Como a fé e a razão estão presentes na sua vida? Explique.
11) No seu entendimento a fé a razão humanas se complementam ou são duas coisas diferentes? Fale um pouco e dê um exemplo.
12) Na sua visão qual das opções abaixo apresenta uma visão mais satisfatória da realidade: () Religião () Ciência () Nenhuma das duas

APÊNDICE 2

COMENTÁRIOS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

“Se complementam. Um exemplo disso é a Bíblia, que é algo de fé. Mas sem o raciocínio você não a entenderia” (ALUNO 1)

“Não se complementam (*sic*), são coisas diferentes. A fé é algo que as pessoas acreditam (Deus, outros seres), já a razão se dá pela ciência”. (ALUNO 2).

“Se complementam. Existem coisas que são inexplicáveis aí precisamos ter fé”. (ALUNO 3)

“São duas coisas diferentes, que a fé é uma forma de você crê em algo que não existe, a razão é um modo de explicar as coisas de forma mais realista”. (ALUNO 4).

“Se complementam, pois como por exemplo tem coisas que as Ciências (razão) não explica e que a fé (religião) explica, e ao contrário”. (ALUNO 5).

“São coisas diferentes pois na fé, acreditamos que Deus criou tudo e na razão humana acreditamos no que a ciência estuda , um exemplo é a criação do mundo pois na fé, dizemos que Deus criou o mundo em 7 dias, e na razão humana, dizemos que foi o Big Bang (Grande Explosão)”. (ALUNO 6)

“É meio complexo, mas acredito que são diferentes, pois um ser de muita fé não depende de nenhuma razão, só a fé basta. Já o cientista (*sic*) é o oposto, eles tem a necessidade de pesquisar e só acreditar quando o "fato" é comprovado” (ALUNO 7).

“São coisas diferentes pois a Fé é você acreditar mesmo sem ver mais nós sentimos. A razão é ter uma conclusão e são pessoas que acredita so (*sic*) vendo”. (ALUNO 8).

“São diferentes, porque a ciência acredita mais na natureza e no pensamento humano, já a religião na igreja e nas palavras da Bíblia” (ALUNO 9).

“São opostas, na fé temos forças de um Deus não visto, na lógica da razão existe mil e um motivos para justificar uma coisa acontecida” (ALUNO 10).

APÊNDICE 3

ENTREVISTAS

Entrevista nº 1
<p>1) Qual o seu nome? Entrevistado 1</p>
<p>2) Qual a sua profissão? Estagiário em Administração, cursando o 7º período de Administração (IFET- Barbacena).</p>
<p>3) Atualmente você frequenta alguma instituição religiosa? (x)SIM ()NÃO</p>
<p>4) Qual instituição religiosa você frequenta? (x) Católica () Evangélica () Espírita () Outras. Qual?:</p>
<p>5) Qual o motivo de você frequentar a instituição religiosa? Frequento a instituição religiosa, mas não somente a católica, penso que como cristão não há problemas em participar de celebrações em igrejas evangélicas, por exemplo. Apesar das diferenças que se formaram desde o protestantismo de Lutero quanto a alguns costumes, Deus pai, Deus filho e Espírito Santo continuam sendo o centro da religião... Frequento a igreja para me sentir mais próximo de Deus, em meio a pessoas que estão lá com o mesmo.</p>
<p>6) Você se considera um religioso (a) não praticante? (Aquele que se diz religioso, mas não participa dos rituais da religião, por exemplo, é católico e não vai à missa). ()SIM (x)NÃO</p>
<p>7) Você se considera ateu ou ateia? ()SIM (x)NÃO</p>
<p>8) Você acredita na fé? (x)SIM ()NÃO</p>
<p>9) O que você entende como sendo “Fé”? A primeira das virtudes teológicas, a fé é um sentimento de total confiança em algo ou alguém. A fé na minha vida representa a crença, confiança e fidelidade que tenho em relação à Deus.</p>
<p>10) O que você entende como sendo “Razão”? Representa o contrário da emoção, o pensamento lógico e dedutivo, a consciência intelectual.</p>
<p>11) No seu entendimento a fé a razão humanas se complementam ou são duas coisas opostas? Fale um pouco e dê um exemplo. Fé e razão no meu entendimento se complementam, uma vez que a fé</p>

é baseada em raciocínios e a razão está vinculada a crenças básicas. Por exemplo, um cientista que quer provar algum fenômeno ou experiência primeiramente tem "fé" em sua teoria, e a partir daí, procura através do raciocínio lógico, evidenciar e comprovar seu experimento, a fim de contribuir para a comunidade científica e a humanidade como um todo. Da mesma maneira na religião não se pode crer em Deus através de uma fé cega, mas a partir do entendimento que as escrituras sagradas nos passam.

Entrevista nº 2

- 1) **Qual o seu nome?**
Entrevistado 2
- 2) **Qual a sua profissão?**
Psicólogo e Espiritualista
- 3) **Atualmente você frequenta alguma instituição religiosa?**
()SIM ()NÃO
- 4) **Qual o motivo de você NÃO frequentar a instituição religiosa?**
Não vejo necessidade
- 5) **Você se considera um religioso (a) não praticante? (Aquele que se diz religioso, mas não participa dos rituais da religião, por exemplo, é católico e não vai à missa).**
()SIM ()NÃO
- 6) **Você se considera ateu ou ateia?**
()SIM ()NÃO
- 7) **Você acredita na fé?**
()SIM ()NÃO
- 8) **O que você entende como sendo "Fé"?**
Te respondo com essa passagem que para mim faz muito sentido: "É, pois, a fé a substância das coisas que se devem esperar, um argumento das coisas que não aparecem". Heb. 11:1
- 9) **O que você entende como sendo "Razão"?**
O encadeamento das verdades, que podem ser alcançados naturalmente pelo espírito humano.
- 10) **No seu entendimento a fé a razão humanas se complementam ou são duas coisas opostas? Fale um pouco e dê um exemplo.**
São complementares. A razão muitas vezes serve à fé. A fé, por definição, não pode fazer o mesmo. Um exemplo, é um grande

exercício de fé buscar a justiça no mundo.

Entrevista nº 3

1) **Qual o seu nome?**

Entrevistado 3

2) **Qual a sua profissão?**

Professor de Sociologia

3) **Atualmente você frequenta alguma instituição religiosa?**

SIM **NÃO**

4) **Qual instituição religiosa você frequenta?**

Católica **Evangélica** **Espírita** **Outras. Qual?:**

5) **Qual o motivo de você frequentar a instituição religiosa?**

A resposta para essa pergunta é muito simples, sem rodeios [risos]:
Minha fé!

6) **Você se considera um religioso (a) não praticante? (Aquele que se diz religioso, mas não participa dos rituais da religião, por exemplo, é católico e não vai à missa).**

SIM **NÃO**

7) **Você se considera ateu ou ateia?**

SIM **NÃO**

8) **Você acredita na fé?**

SIM **NÃO**

9) **O que você entende como sendo “Fé”?**

A fé é um método de conhecimento baseado na confiança do testemunho de uma outra pessoa. É utilizada como base para conhecer uma experiência científica (por exemplo, para conhecer a estrutura do átomo ou um evento histórico que você não presenciou) até como fundamento da experiência religiosa.

A primeira das virtudes teológicas, a fé é um sentimento de total confiança em algo ou alguém. A fé na minha vida representa a crença, confiança e fidelidade que tenho em relação à Deus.

10) **O que você entende como sendo “Razão”?**

Um instrumento para averiguar e ponderar fenômenos e pensamentos.

11) **No seu entendimento a fé a razão humanas se complementam ou são duas coisas opostas? Fale um pouco e dê um exemplo.**

Nem uma coisa nem outra. Não dá pra opor ou complementar coisas de naturezas diferentes. Fé é uma coisa, Razão é outra, elas não se

misturam.

Entrevista nº 4

- 1) **Qual o seu nome?**
Entrevistado 4
- 2) **Qual a sua profissão?**
Química
- 3) **Atualmente você frequenta alguma instituição religiosa?**
 SIM NÃO
- 4) **Qual o motivo de você NÃO frequentar a instituição religiosa?**
Tenho minha fé, porém, não participo de cultos ou missas por discordar de algumas ideias impostas pela Igreja Católica.
- 5) **Você se considera um religioso (a) não praticante? (Aquele que se diz religioso, mas não participa dos rituais da religião, por exemplo, é católico e não vai à missa).**
 SIM NÃO
- 6) **Você se considera ateu ou ateia?**
 SIM NÃO
- 7) **Você acredita na fé?**
 SIM NÃO
- 8) **O que você entende como sendo “Fé”?**
Fé é aquilo que você crê sem nenhuma prova ou evidência de que aquilo que espera ou acredita pode dar certo ou é real. A fé não pode ser explicada, apenas sentida.
- 9) **O que você entende como sendo “Razão”?**
A razão acontece a partir do que é de fato pensado. O pensamento precisa de motivos sólidos para que seja tido como verdade.
- 10) **No seu entendimento a fé a razão humanas se complementam ou são duas coisas opostas? Fale um pouco e dê um exemplo.**
Sentidos opostos, mas complementares. Assim como a fé se inicia por algum raciocínio, a razão também se inicia através da fé. Por exemplo, um médico/cientista que está disposto a descobrir a cura para determinada doença. A fé acontece a partir do momento que ele acredita que é possível existir a cura mesmo sem provas concretas, já a razão acontece quando ele busca provas concretas por meio de testes e experimentos para que possa ter provas que conseguiu.

APÊNDICE 4

FOTOS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS

Foto 1



Fonte: Aluno 11

Foto 2



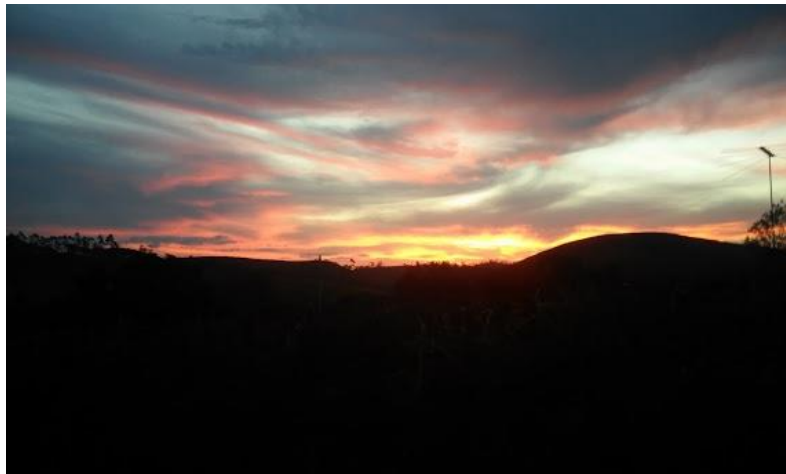
Fonte: Aluno 12

Foto 3



Fonte: Aluno 13

Foto 4



Fonte: Aluno 14

Foto 5



Fonte: Aluno 14

Foto 6



Fonte: Aluno 15

Foto 7



Fonte: Aluno 15

Foto 8



Fonte: Aluno 16